Anais | VIII Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e VII Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares - CLAEHM
Dezembro de 2024, Online | claec.org/ehm
Artigos Completos

A infância vivida e a infância desejada: um estudo de campo na ilha de Zanzibar, na Tanzânia[1]

Infancia vivida y niñez deseada: un estudio de campo en la isla de Zanzíbar, Tanzania

Childhood lived and childhood desired: a field study on the island of Zanzibar, Tanzania

Rafael Barbosa de Jesus Santana[2]

Resumo

O presente trabalho, de cunho ensaístico, descritivo e empírico, tem como objetivo analisar o discurso dos homens de Zanzibar, arquipélago semiautônomo localizado ao leste da Tanzânia, no Oriente africano, sobre a vivência de suas infâncias e seus desejos de vida para as crianças do presente e do futuro. O estudo foi realizado em junho de dois mil e vinte e quatro (06/2024), na cidade de Nungwi, através da História Oral, inclusive com interlocutores membros do grupo étnico *maasai*,[3] originários dos territórios que conhecemos hoje como Quênia e Tanzânia continental. Estruturalmente, o trabalho está organizado em duas partes: na primeira, busca-se fazer um retrospecto sobre a história da Tanzânia e de Zanzibar; e na segunda, almeja-se discutir o conceito de infância concomitante à análise dos discursos dos entrevistados. Conclui-se que os interlocutores, olhando para as suas infâncias, desejam modos de vida diferentes para as crianças do presente e do futuro, tendo a educação um papel fundamental na fomentação da mudança social.

Palavras-chave: África; Infância; Tanzânia; Zanzibar; Maasai.

Resumen

El presente trabajo, de carácter ensayístico, descriptivo y empírico, tiene como objetivo analizar el discurso de hombres de Zanzíbar, archipiélago semiautónomo situado al este de Tanzania, en África Oriental, sobre la experiencia de su infancia y sus deseos de vida. para los niños del presente y del futuro. El estudio se realizó en junio de 2024 (06/2024), en la ciudad de Nungwi, a través de la Historia Oral, incluyendo interlocutores que son

[1] Artigo apresentado no VII Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e VI Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

[2] Doutorando em História; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil; rafael.santana.001@hotmail.com.

[3] Em diferentes referências há diferentes formas de grafia do nome *maasai*. Com dois "A" nas bibliografias anglófonas e *massai* ou *masai* nas fontes de língua portuguesa. Há ainda a grafia *masaï*, mas vinculada aos povos localizados do lado queniano (OCHIENG, 2010, p. 976). Como uma das línguas oficiais da Tanzânia é o inglês, será utilizada neste artigo a primeira grafia.

miembros de la etnia masai,1 originarios de los territorios que hoy conviven como Kenia continental y Tanzania. Estructuralmente, el trabajo se organiza en dos partes: en la primera buscamos revisar la historia de Tanzania y Zanzíbar; y en el segundo, también se discute el concepto de infancia de forma concomitante con el análisis de los discursos de los entrevistados. Se concluye que los interlocutores, mirando sus infancias, quieren formas de vida diferentes para los niños del presente y del futuro, jugando la educación un papel fundamental en la promoción del cambio social.

Palabras claves: África; Infancia; Tanzania; Zanzíbar; Masai.

Abstract

This essay, descriptive and empirical in nature, aims to analyze the discourse of men from Zanzibar, a semi-autonomous archipelago located east of Tanzania, in East Africa, about their childhood experiences and their life desires for children in the present and future. The study was carried out in June 2024 (06/2024), in the city of Nungwi, through Oral History, including with interlocutors who are members of the Maasai ethnic group,1 originally from the territories that today coexist as Kenya and mainland Tanzania. Structurally, the work is organized into two parts: the first seeks to make a retrospective on the history of Tanzania and Zanzibar; and the second also discusses the concept of childhood concomitantly with the analysis of the interviewees' discourses. It is concluded that the interlocutors, looking at their childhoods, want different ways of life for the children of the present and the future, with education having a fundamental role in fostering social change.

Keywords: Africa; Childhood; Tanzania; Zanzibar; Maasai.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar as narrativas de homens da ilha de Zanzibar sobre as suas infâncias e os desejos pessoais e sociais desses interlocutores sobre o ser criança naquele arquipélago do leste africano, banhado pelo Oceano Índico. Os discursos foram obtidos através da História Oral e gravados em áudio em inglês. Num primeiro momento, traçarei brevemente a história da Tanzânia, país ao qual Zanzibar faz parte, ressaltando a relação entre o turismo e a marginalização social de grande parcela da população local na contemporaneidade. Concomitantemente, esses elementos estarão relacionados à história e realidade dos povos *maasai*, um dos perfis dos entrevistados. Na segunda parte será discutido o conceito de infância adotado, assim como será feita a análise dos discursos, pontuando as questões de método das entrevistas.

1.1. Um breve histórico da Tanzânia e de Zanzibar

Figura 1 – Delimitação do leste africano.

Fonte: Acervo pessoal elaborado a partir da plataforma Visme.

Figura 2 – Localização da Tanzânia em África.

Fonte: Acervo pessoal elaborado a partir da plataforma Visme.

Figura 3 – Localização de Zanzibar na Tanzânia.

Fonte: Google Maps.

A região leste africana teve ao decorrer da história, grande relevância mundial por ser de fácil acesso marítimo, por ser um ponto geográfico de grande migração populacional e de comércio para o Índico, e pela diversidade étnica presente naquela região. Dessa diversidade, destaca-se a existência de populações nilotas, cuchíticas, bantas, árabes, indianas e europeias, estas com instalação mais recente na região (KANTER, 2013, p. 14). Na Tanzânia continental,[4] com predominância dos grupos étnicos *Sukuma, Chaga, Nyamwezi, Haya, Hehe, Gogo, Hadza* e *Maasai*, a agricultura, o pastoril e a caça são as formas de sobrevivência mais tradicionais. Na ilha de Zanzibar,[5] território tanzaniano ultramarino, indianos, europeus e árabes são minorias, mas uma minoria significativa.

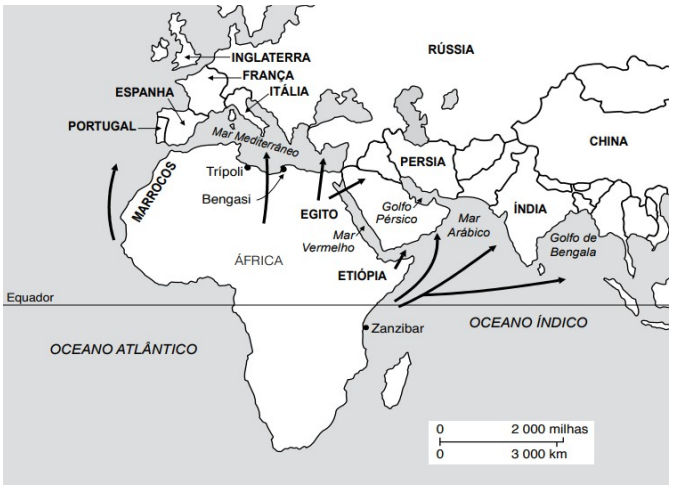

Figura 4 – Posição comercial privilegiada de Zanzibar.

Fonte: Harris (2010, p. 154).

Já no século XII, árabes e persas realizavam comércio com Zanzibar e outras ilhas do Índico, criando um ambiente fértil para trocas culturais. No século XVI, Zanzibar funcionou enquanto feitoria e entreposto português, mas logo foi afastada dos interesses mercantilistas de Portugal, após a expulsão dos portugueses da ilha pela população local. Essa vacância de poder exógeno só foi preenchida no final do século XVIII, quando do surgimento do

[4] Até meados do século XX, essa região era chamada de Tanganica (ou *Tanganyika*, em inglês) e considerado um Estado diferente de Zanzibar.

[5] Ou Ungudja/Landjuia, como historicamente era chamada a ilha pelos locais (MASAO & MUTORO, 2010, p. 703).

Sultanato Árabe Omani de Zanzibar (KANTER, 2013). Naquela época, o sistema de *plantation* centralizou o mencionado arquipélago enquanto produtor de especiarias no Índico e o incluiu na lógica escravista do período, principalmente em meados do século XIX.[6]

Com o passar do século XVIII para o XIX, as expedições europeias ultramarinas foram se intensificando e, ao chegarem na supracitada ilha, conflitos foram gerados com as populações locais e com os árabes, além de haver conflitos intra-étnicos, como aconteceu entre os *maasai* na disputa pelo controle da terra e do rebanho. No caso tanzaniano, foram os britânicos que despenderam maiores esforços de dominação, ainda que os franceses, holandeses e germânicos estivessem na disputa colonial. Este atrito entre os países europeus foi parcialmente resolvido com a assinatura do Tratado Anglo-Germânico de 1886/1890 e Anglo-Francês de 1890, no qual a Alemanha e a França, respectivamente, reconheciam Zanzibar enquanto Protetorado Britânico.

É a partir do início do século XX que a Grã-Bretanha vai realizar uma reforma agrária na África Oriental, que segundo Kanter (2013) e Kaniki (2010), reservou as terras mais férteis para os brancos ou bôeres (população nascida em África, mas descendente de colonos europeus) "ganhando o título de Planaltos Brancos – com os ocupantes originais, principalmente *Kikuios* e *Massai*, sendo expulsos" (KANTER, 2013, p. 18). Concomitantemente, os britânicos estimulavam a imigração indiana para Zanzibar,[7] para todo o leste africano e para outros territórios invadidos pela potência europeia, o que gerou mais desigualdade, visto que os indianos tinham mais privilégios que as populações locais. Os africanos também eram desfavorecidos em relação à classe de proprietários fundiários árabes (TWADDLE; RABEARIMANANA; KIMAMBO, 2010, p. 288). O seminal processo de industrialização em 1950 também favoreceu a desigualdade social entre os poucos centros urbanos e as vastas áreas rurais. Assim, percebe-se uma forte desigualdade movida pelo fator racial.

[6] A escravidão durou até 1897 em Zanzibar.

[7] Mesma prática realizada pelos soberanos árabes de Omã no século XVIII e XIX, os quais "encorajavam os negociantes indianos a aumentarem os investimentos na ilha" (SALIM, 2010, p. 911).

Com a conquista da independência em 1963, Zanzibar se une ao território continental (Tanganica) que já tinha adquirido a independência em 1961 e forma, em 1964, a República Unida da Tanzânia. Tal unificação funcionou como uma forma de protesto contra a permanência do domínio árabe na região após a debandada europeia (KANTER, 2013). Como noutros Estados recém-formados da África, o estímulo a uma identidade nacional tanzaniana, amiúde, apagava a existência das identidades étnicas e das heterogeneidades. Mesmo com esses tensionamentos e contradições, "a sociedade tanzaniana se provou notavelmente estável, sem golpes de Estado ou incidentes de violência em larga escala" (KANTER, 2013, p. 23).

Na segunda metade do século passado, a Tanzânia até chegou a ter algum sucesso econômico, mas uma disputa territorial com a Uganda, que se transformou numa guerra em 1978, gerou grandes gastos com defesa nacional e endividamento do Estado. Tal conjuntura acabou por contribuir para o retrocesso de políticas públicas de bem-estar social, como educação, saúde e cuidado às crianças. Contudo, conforme Kanter (2013), desde os anos 2000 a Tanzânia tem crescido, ainda que de maneira modesta.

Ao mesmo tempo, a conjuntura de grande globalização e de interiorização das necessidades criadas pelo capitalismo tem colocado em xeque a existência tradicional de algumas populações, como os *maasai*. Segundo Burford (2001, p. 550), essa ameaça vem da "crescente tendência de urbanização e o consequente colapso das comunidades rurais", com suas populações deixando de lado antigas práticas sociais. Áreas antes ocupadas pelos *Maasai* na Tanzânia continental, foram privatizadas ou estatizadas, empurrando sua população para outras regiões. Nos centros urbanos e de turismo da Tanzânia, os *maasai* e outros povos tiveram que se adequar às "regras do jogo capitalista". Como é constatado "em meios urbanos, os indicadores de qualidade de vida decrescem e revelam a deterioração do quotidiano destas populações após a saída forçada [*de suas regiões*]" (CRAVIDÃO & SANTOS, 2013, p. 123, *grifos meus*).

Figura 5 – Grupos étnicos da Tanzânia e localização tradicional da população *maasai*.

Fonte: Ochieng (2010).

Em ilhas consideradas paradisíacas como Zanzibar, praticamente, a forma de obtenção de sustento das populações alijadas de poder econômico é o comércio, voltado principalmente aos turistas. Historicamente, povos como os *maasai* não tiveram grandes ímpetos para o desenvolvimento de práticas econômicas, afinal, os gados ofereciam "vestes e alimentos, armas e ferramentas" (OCHIENG, 2010, p. 981). Assim, antes da consolidação do turismo ocorrida a partir de 1945 (VANSINA, 2010, p. 705), o próprio sistema colonial britânico e árabe foram decisivos para a orientação da mão de obra africana para a produção de excedentes, ou seja, mais valia. De acordo com Cravidão & Santos (2013, p. 115),

> Nalguns países, o turismo apresenta um peso significativo no emprego, nas exportações e na produção global de riqueza […] o turismo tem sido uma oportunidade que promove a educação nas comunidades locais, incentiva a aprendizagem de novas línguas e uma formação mais prolongada […] o turismo pode ser uma via de sobrevivência.

Mas como os autores problematizam, seria prudente questionar a qualidade desses empregos gerados e a distribuição da renda adquirida na sociedade. Como veremos mais à frente, esses são elementos essenciais para entendermos a realidade das crianças, adolescentes

e adultos de Zanzibar. Cravidão & Santos não fecham os olhos para as problemáticas que o turismo pode gerar, incluindo, no caso da Tanzânia/Zanzibar, a ocidentalização acelerada ou a mendicidade, afinal, "o turismo será sempre um processo de apropriação e uso de lugares" (CRAVIDÃO & SANTOS, 2013, p. 119). A questão não feita é: quais são os grupos populacionais que usam e se apropriam de Zanzibar e dos recursos econômicos do turismo?

O turismo, enquanto uma prática da contemporaneidade, participa da "circulação/(re)distribuição global do capital" (CRAVIDÃO & SANTOS, 2013, p. 129). Contudo, o turismo não é a solução para os problemas sociais, mas também não é a fonte de todos os males, "uma porta para violação do equilíbrio e estabilidade que caracterizariam lugares com uma identidade isolacionista" (CRAVIDÃO & SANTOS, 2013, p. 130). Como vimos, essa violação do equilíbrio já vem de séculos de colonialismo árabe e europeu.

2. Relatos e desejos para a infância em Zanzibar

O conceito de infância é amplamente debatido no campo das Ciências Humanas, pois entende-se que não se trata simplesmente de uma categoria biológica, mas principalmente uma terminologia social. Contudo, as teorias mais críticas sobre a infância acabam caindo no que Müller & Araújo (2020, p. 12) chamam de presentismo etnográfico. Baseado no antropólogo Johannes Fabian, Müller & Araújo (2020) argumentam que este conceito diz respeito ao modo como descrevemos determinados grupos sociais, através da negação da coetaneidade (das mudanças sociais, da temporalidade progressiva, do compartilhamento de elementos com outras sociedades).

A perspectiva crítica, ao realizar a alocronia, ou seja, a distinção entre diferentes regimes temporais humanos, alocaria ao continente africano a indefinição da duração da infância, por exemplo; diferente do mundo ocidental, com limitações da infância bem definidas. Então, o presente trabalho busca a homocronia, o reconhecimento pleno da coetaneidade, do compartilhamento de elementos sociais entre diferentes sociedades. Assim, propõe-se também a ideia de pluricronia, ou seja, a convergência de elementos ocidentais e não-ocidentais para definir a infância. Trata-se de ir além: a África e os(as) africanos(as) não

são meros resultados do colonialismo, como não são aquela essência "do que é considerado originalmente africano" (MÜLLER & ARAÚJO, 2020, p. 16).

Quando tratamos sobre infância no singular, fazemos isso baseado na premissa de que mesmo em sociedades e localidades diferentes do globo, a infância pertence à mesma classe ou ordem. Assim, argumento que, comumente, o discurso baseado na diversidade da infância (que enfatiza a particularidade do ser criança em África) acaba excluindo elementos que são essenciais para a vida humana: como alimentação, saúde e moradias salubres. Por esse prisma, o questionamento de Qvortrup (2010, p. 1126) é valioso: "Estaríamos, da mesma maneira, perdendo de vista a posição e o *status* comum às crianças quando as visualizamos pelas lentes da diversidade? Temo que este seja realmente o caso".

Dito isso, "Os estudos sociais sobre a infância […] não devem considerar como tarefa primeira procurar diferenças *entre* crianças, assim como os estudos de classe não devem priorizar as diferenças entre trabalhadores" (QVORTRUP, 2010, p. 1128). De modo objetivo, infância, para nós, seria uma categoria relacional que tem como conceito oposto/complementar o adulto. Conforme os autores André & Hilgers (2015), guiados pelas prerrogativas de Bourdieu sobre os *habitus*, a análise sociológica da infância tem a preocupação com o "conjunto de agentes colocados em condições de existência semelhantes que impõem um tipo semelhante de socialização [*e experiência*] que conduz a sistemas homogêneos de disposições" (ANDRÉ & HILGERS, 2015, p. 124, *grifos meus*). Aqui, a condição de existência semelhante seria o capitalismo.

Assim como no mundo ocidental, é possível afirmar que em África há uma hierarquia etária: são os mais velhos que controlam as refeições nas comunidades, que devem atuar nas instituições, entre outros elementos de poder (ANDRÉ & HILGERS, 2015, p. 123). Para cada grupo etário há deveres, direitos e responsabilidades. Por exemplo, as crianças, em diversas sociedades africanas, ajudam "os mais velhos realizando várias atividades relacionadas ao trabalho de acordo com seu gênero e seguindo também sua posição social" (ANDRÉ & HILGERS, 2015 p. 124). Mas a questão que fica é: essa é uma infância vivida pela necessidade imposta pela vida à margem do capitalismo ou pelo desejo das crianças e dos

adultos? O que os relatos dos entrevistados indicam é que esse modo de vida é condicionado pela pobreza. Mas antes de prosseguir na análise dos discursos, é válido pontuar como ocorreu a obtenção dos mesmos.

Chegar em Zanzibar e sair do perímetro aeroportuário é certeza que você vai se cruzar com um *maasai*: são sempre homens, vestidos com seus *shukas* vermelhos, um tipo de manta que cobre boa parte do corpo, com um cajado de madeira em mãos. A entrevista ocorreu apenas com homens, pois foram eles que estavam nas ruas, nos comércios, à exposição na vida social. O que não é de se estranhar, visto que a sociedade *maasai* é baseada num sistema patriarcal. De acordo com Feinstein (2014, p. 01), "as mulheres são consideradas dependentes durante toda a sua vida. As mulheres não estão autorizadas a falar na frente dos homens, as meninas são vistas como ativos financeiros quando arranjam casamento". Inclusive, um dos entrevistados demonstrou interesse genuíno em casar com minha irmã, me questionando: "how many cows do you want for me to marry her?".

Dos participantes, 50% foram *maasai*. O estudo foi composto por oito (8) entrevistas, sete (7) individuais e uma grupal. Todos os participantes viviam do turismo, ou seja, vendendo serviços e produtos. No caso dos *maasai*, a predominância era a venda de artesanatos e *shukas* de seus povoados. A maioria dos entrevistados não tinham escolaridade, ou seja, nunca frequentaram a escola. A amostra memorialística foi coletada em um único dia, em ambiente público, no norte da ilha de Zanzibar, na cidade de Nungwi, com abordagem censitária e contou com os relatos de homens entre 22 e 55 anos de idade.

Realizadas através da História Oral, as entrevistas não teve como objetivo a identificação de uma verdade sobre as vidas dos interlocutores, mas sim, os significados atribuídos pelos agentes sociais às suas realidades. Além do mais, a memória sempre está sujeita à falha e às impressões do presente no relato sobre o passado. No relato, damos coerência e encadeamento aos fatos, mesmo quando a constituição do ser atual não tenha sido conformado nessa mesma coerência. A narrativa é construída num tempo e num espaço específico. Por isso, um mesmo indivíduo pode relatar questões diferentes sobre um mesmo assunto se abordado em diferente temporalidade. Podemos ter diferentes interpretações sobre

a realidade, podemos reprimir determinadas memórias ou desejos. Em síntese, "a biografia mostra o que é potencialmente possível em dada sociedade ou grupo" (ALBERTI, 2000, p. 03). As biografias, assim como os relatos da História Oral, mostram o que é estrutural e o que seria frequente numa sociedade.

Em acréscimo, é válido pontuar que as entrevistas seguiram pelo método da História Oral de Vida, preocupada na trajetória pessoal de uma pessoa, e pela História Oral Temática, neste modo, o relato foi direcionado e desenvolvido a partir de um assunto ou relação do entrevistado com um tema, no caso, a infância. Em suma, as entrevistas foram guiadas com um questionário fechado, o qual continha três perguntas:

1. Como foi a sua infância?
2. Qual é a diferença entre ser criança no passado e no presente? e
3. O que você deseja para as crianças de hoje e de amanhã?

O resultado dessas questões, à primeira vista simples, apontaram que as infâncias vividas pelos entrevistados não foram as infâncias que eles desejavam ter. Segundo o **entrevistado 1**, "eu sou um sobrevivente", afinal, "desde pequeno tive que trabalhar para conseguir ter o mínimo de dignidade". O entrevistado até chegou a ir à escola, nos idos de 2006, mas as mensalidades eram caras para a sua realidade. Segundo ele, custava 60,000 Xelims Tanzanianos por mês. Ele atribui a sua sobrevivência aos estudos que teve, ainda que incompletos. No período da manhã estudava e pela tarde trabalhava. Assim, o interlocutor me questiona: "A vida não me deu dinheiro, me deu situações, barreiras… como eu não sobreviveria?".

De forma semelhante, o **entrevistado 2** também chama atenção à infância dura que teve. Minha infância "não foi boa… eu vivi numa aldeia, não foi uma vida boa, foi uma vida difícil". Para ele, sua infância foi ruim por falta de renda. Já o **entrevistado 3**, um homem que teve acesso à educação formal mais continuada, diz que os adultos devem criar um ambiente propício para o desenvolvimento da criança, amando-a, contando histórias, permitindo sua felicidade e a formação de amizades, cenário que o interlocutor diz ter experimentado na sua

infância com seus pais. Ainda assim, diz que sua vida "era como 50/50 […] não era ruim, mas não era muito boa". Essa vida não tão ruim diz respeito, segundo o interlocutor, ao acesso à educação formal. Contudo, os recursos financeiros limitados colocaram barreiras em sua vida. Segundo o mesmo, "o problema é esse […] o dinheiro é o que vai te fazer feliz ou não", pressuposto comungado pelo grupo de homens com o qual dialoguei (**entrevistado 4**).

Já os entrevistados da etnia *maasai* narraram suas infâncias de forma ambígua. O **entrevistado 5** resumiu a sua infância a cuidar de animais (vacas, cabras e galinhas, principalmente) e ao acesso fácil e cotidiano à alimentação (carne bovina, leite e ugali, prato semelhante à polenta). O interlocutor diz ter boas memórias da infância, quando seu maior objetivo era cuidar de vacas, um sinal de prestígio na sociedade *maasai*. Nesse sentido, o **entrevistado 6** diz que seus pais não tiveram preocupação com ele na infância, isso porque a tarefa pessoal de cuidar das vacas já era um trabalho de amadurecimento, no qual a criança criaria a responsabilidade por si mesma desde muito nova.

Por outro lado, o **entrevistado 7**, o *maasai* mais novo contatado, com 22 anos, afirma que sua vida não foi fácil, mas também não foi muito difícil. Este limbo está mais relacionado às potencialidades que ele poderia ter desenvolvido se tivesse frequentado a escola e não tivesse "uma infância resumida a cuidar de vacas". Percebe-se assim, que a maioria dos entrevistados reclamam sobre as infâncias que tiveram, ainda que de formas diferentes. Esse olhar para o passado vivido dos entrevistados revela muito sobre os desejos atuais sobre os modos de vida infantis no presente e no futuro, visto que, segundo André & Hilgers (2015, p. 122), ao viver sua vida social, a criança internaliza uma visão de infância e o papel dela na sociedade. Ao chegar à vida adulta, aquele ser social reproduz suas visões sobre o que é a infância e o que deve e não deve fazer uma criança.

Assim, para os entrevistados *maasai*, há o desejo de que as crianças daquela etnia tenham acesso à educação formal, entendendo a escola como um espaço que amplia a possibilidade de sucesso financeiro na vida adulta (**entrevistado 5**). Como ressalta o **entrevistado 8**, no contexto de Zanzibar, "o mínimo de educação vale a pena, muda sua

vida". O mesmo posicionamento em relação à educação formal é expresso por outros entrevistados.

O **entrevistado 1** deseja uma boa condição de vida para as crianças do presente e do futuro, isso perpassaria a uma oposição com o passado social que as crianças tinham no período de sua infância pessoal, com mais educação formal, informação e desenvolvimento da criança. "Quando as pessoas têm educação de qualidade, você não é enganado pelos políticos, você tem liberdade… você vai a qualquer lugar… você anda, você compra, você escolhe… Você quer ir à praia? Você vai. Então quer fazer alguma coisa? Você faz… Educação é a melhor coisa que existe". Segundo o **entrevistado 2**, esse incentivo à formação escolar já vem ocorrendo. Em sua perspectiva, há uma grande diferença entre o ser criança nos dias atuais e na época de sua infância, atribuindo ao comércio turístico a possibilidade de ascensão social, o que vai de encontro com os postulados de Cravidão & Santos (2013) sobre a potencialidade do turismo enquanto meio de sobrevivência. Segundo o mesmo o entrevistado, é mais raro ver crianças trabalhando, visto que as escolas estão mais acessíveis na atualidade.

Nesse mesmo sentido, o **entrevistado 3** enxerga mudanças na conduta social em relação à infância em Zanzibar. De acordo com o mesmo, antes, você nascia praticamente pronto para trabalhar, recebia qualquer comida, sem muitas preocupações dos adultos. "Mas agora as pessoas têm boa educação […] As crianças têm uma refeição especial para que elas possam crescer". E para continuar neste caminho, o entrevistado defende que os adultos devem lutar pelas crianças, para que estas, quando adultas, sejam melhores que seus pais. Já o grupo de homens, o **entrevistado 4**, chamam atenção para o fato de que se tornar um adulto no mundo em que vivem é uma forma de precarização da vida. Como um deles relatou gargalhando e alisando circularmente a barriga com a mão, "sem trabalho, não há yum yum [*alimentação*]" (*grifo meu*). O grupo foi unânime ao afirmar que agora a vida está mais fácil para as crianças de Zanzibar, pois há muitas escolas e é possível estudar gratuitamente até o que seria o nosso Ensino Médio no Brasil. E para seguir melhorando a qualidade de vida, o grupo defende que "a educação é a chave para a vida e a vida muda com a educação".

Em nenhum momento foram feitas questões em relação à educação formal em Zanzibar, mas os interlocutores vincularam a educação formal à qualidade, prosperidade e esperança da vida infantil e adulta na ilha. O fator educacional chamado atenção dialoga diretamente com os postulados de Feinstein (2014, p. 02), a qual afirma que "a educação é um problema para todas as crianças tanzanianas". Mas complementando a autora, aparentemente, para os homens de Zanzibar, a educação é solução para a falta de recursos e à vivência na margem do capitalismo. Como postula Ripe (2022), a educação das crianças é um elemento fundamental para o entendimento de suas ações, visto que todo o processo rumo à vida adulta é delineado pela formação da criança: "desde o que ela come, os exercícios que ela faz e os modos de cuidar da sua saúde" (RIPE, 2022, p. 14).

Para além disso, os relatos reunidos aqui nos ajudam a definir o próprio conceito de infância que tentamos realizar no início deste tópico. A partir dessa interlocução, a infância seria o período da vida de cimentação e construção do adulto, no qual as crianças devem ser impulsionadas, valorizadas, desenvolvidas e ter supridas as suas necessidades pelos adultos. Segundo Robert Tynes (2012, p. 19-20), em boa parte das comunidades da Serra Leoa, país do oeste africano, as crianças não são vistas como inocentes e carregam consigo um enorme poder, um potencial que os adultos podem "sugá-los", destruí-los ou desenvolvê-los. Assim, os relatos dos homens entrevistados representam uma perspectiva que defende a não destruição das crianças.

Seria característico deste momento o cotidiano escolar formal e o afastamento de atividades laborais. Tal constatação valoriza a coetaneidade (as mudanças sociais, a temporalidade progressiva, o compartilhamento de elementos sobre a infância entre diferentes sociedades) e evidencia, de modo geral, como as infâncias vividas e desejadas pelos homens de Zanzibar estão entrelaçadas à situação econômica familiar. Por isso, afirmo mais uma vez, não se trata de uma infância autenticamente africana, mas de infâncias predominantes no sul global e em países em desenvolvimento e subdesenvolvidos.

Por fim, não poderia finalizar esse artigo sem levar em consideração o relato de dois entrevistados (**1** e **6**). Foram relatos que duraram mais de uma hora e que tiveram grandes

demonstrações de afetos e choros. Identifico esses discursos mais sensíveis como uma das poucas oportunidades que esses homens têm de falar sobre si, num fluxo de vida que exige, muito vezes, o olhar apenas para frente. Uma das primeiras reações do **entrevistado 1** às minhas três questões foi demarcar o lugar de vida dele e o meu lugar enquanto turista/estrangeiro, mas ressaltando que, a seu entender, "olhando seu rosto [*do entrevistador*], você não é egoísta… você não é egoísta. Não olha a [*minha*] cor, não olha o [*meu*] país" (*grifos meus*). A fala do entrevistado dá a entender que boa parte dos turistas são percebidos por ele como racistas e que, mesmo desfrutando da sua terra, são xenofóbicos. O entrevistado pontua que vive do turismo, mas essa atividade lhe permite viver com mais qualidade na alta temporada, mas que não sabe o que vai ser dele no outro período do ano.

Já o **entrevistado 6** criava o encadeamento narrativo biográfico com muito orgulho da sua cultura *maasai*. Assim como a maioria dos *maasai* em Zanzibar, o entrevistado vai à ilha para fazer negócios sazonais, durante dois a quatro meses do ano, em média. O dinheiro conquistado é utilizado, muitas vezes, para comprar vacas na sua comunidade em Arusha, na Tanzânia continental. Segundo o entrevistado, os *maasai* definem sucesso na vida pelo número de vacas que têm. Mas como bem foi pontuado pelo interlocutor, essas definições de sucesso tem sido reconfiguradas pela necessidade de dinheiro, inclusive já na infância.

3. Conclusões

Concluo esse trabalho muito grato por ter tido a oportunidade de entrevistar esses homens, ao mesmo tempo que lamento não ter tido a oportunidade de ter entrevistado as mulheres de Zanzibar. Aqui reside a limitação e potencialidade para extensões deste artigo em trabalhos futuros: a falta das vozes femininas. Apesar da limitação mencionada, creio que o presente ensaio é importante por situar o pensamento de vozes africanas e subalternas sobre a infância, aproximando esse pensamento ao meio acadêmico brasileiro, a partir de um olhar bem específico: a percepção de como o ser criança na Tanzânia, especificamente em Zanzibar, esteve e está condicionado à estrutura capitalista.

Os relatos podem ter sido construídos de forma a agradar ou estarrecer o entrevistador, estrangeiro e turista, ainda assim, carregam uma riqueza subjetiva que aponta para as formas

de significar o mundo perante o "Outro". A relação dos entrevistados com o turismo é um dos pontos que pode ser melhor desenvolvido em outras oportunidades. O mesmo vale para a relação dos homens com a educação, considerando que seus relatos atribuíram grande importância à educação escolar como instrumento de mudança social, sendo este um dos pontos a serem investigados em trabalhos futuros, identificando a historicidade do sistema educacional em Zanzibar, os últimos avanços no campo e o mais importante: como a educação tem impactado a vida das pessoas comuns, a ponto de ter quase que um consenso social sobre a necessidade de investir em educação formal, inclusive entre os *maasai*.

Referências

ALBERTI, Verena. *Indivíduo e biografia na história oral.* Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

ANDRÉ, Géraldine; HILGERS, Mathieu. Childhood in Africa Between Local Powers and Global Hierarchies. In: ALANEN, Leena; BROOKER, Liz; MAYALL, Berry (Orgs.). *Childhood with Bourdieu*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2015, p. 120 – 141.

BURFORD, Gemma *et al*. The Forest Retreat of Orpul: A Holistic System of Health Care Practiced by Maasai Tribe of East Africa. *The Journal of Alternative and Complementary Medicine*, v. 6, n. 5, p. 547-551, 2001.

CRAVIDÃO, Fernanda; SANTOS, Norberto (Orgs.). *Turismo e Cultura: destinos e competitividade.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. 545 p.

FEINTEIN, Sheryl. A Research Study on Individuals with Disabilities in the Maasai Tribe of Tanzania. *Review of Disability Studies (RDS)*, v. 5, n. 4, p. 01-09, 2014.

HARRIS, Joseph E. A diáspora africana no Antigo e no Novo Mundo. In: OGOT, Bethwell Allan. *História Geral da África*: África do século XVI ao XVIII – Vol. V. Brasília: UNESCO, 2010. p. 135-164.

KANIKI, Martin H. Y. A economia colonial: as antigas zonas britânicas. In: BOAHEN, Albert Adu. *História Geral da África*: África sob dominação colonial, 1880-1935 – Vol. VII. Brasília: UNESCO, 2010. p. 437-484.

KANTER, Marcelo de Mello. *As comunidades da África Oriental: desafios e oportunidades.* 2013. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

MASAO, Fidel T.; MUTORO, Henry W. A costa da África Oriental e as ilhas Comores. In: FASI, Mohammed El. *História Geral da África*: África do século VII ao XI – Vol. III. Brasília: UNESCO, 2010. p. 685-720.

MÜLLER, Paulo Ricardo; ARAÚJO, Melvina A M. Apresentação do Dossiê – Coetaneidade, Pós-Colonialidade, Diáspora(s) e Africanidade(s): caminhos dos estudos africanos no Brasil. In: *Mediações*, Londrina, v. 25, n. 1, p. 10-22, 2020.

OCHIENG, William Robert. O interior da África do Leste: os povos do Quênia e da Tanzânia (1500-1800). In: OGOT, Bethwell Allan. *História Geral da África*: África do século XVI ao XVIII – Vol. V. Brasília: UNESCO, 2010. p. 975-1002.

QVORTRUP, Jens. A tentação da diversidade – e seus riscos. In: *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1121-1136, 2010.

RIPE, Fernando. *História da Infância:* A Constituição do Sujeito Infantil Moderno na Cultura Impressa Portuguesa do Século XVIII. Caxias do Sul/RS: Educs, 2022.

SALIM, Ahmed Idha. A costa oriental da África. In: OGOT, Bethwell Allan. *História Geral da África*: África do século XVI ao XVIII – Vol. V. Brasília: UNESCO, 2010. p. 883-914.

TWADDLE, Michael; RABEARIMANANA, Lucile; KIMAMBO, Isaria N. A África Oriental. In: MAZRUI, A.; WONDJI, C. *História Geral da África*: África desde 1935 – Vol. VIII. Brasília: UNESCO, 2010. p. 261-294.

TYNES, Robert. Because it works: The advantages of Child Soldier use during the Sierra Leone Civil War. *The Journal of Sierra Leone Studies*, v. 1, n. 1, p. 03-34, 2012.

VANSINA, Jan. As artes e a sociedade após 1935. In: MAZRUI, A.; WONDJI, C. *História Geral da África*: África desde 1935 – Vol. VIII. Brasília: UNESCO, 2010. p. 697-760.